crianças de 0 a 12 anos, no Brasil, possuem celular smartphone.

Um dado curioso da pesquisa é que 45% por cento dos pais acreditam que amigos dos filhos que possuem celular os influenciam a querer ter também. Ou seja, a partir podemos perceber o quanto crianças são influenciáveis.

Infelizmente é muito comum ouvir de crianças o quanto acham chatas as idas a escola, o quanto é tedioso e isso deve ser mudado. Escola é um ambiente onde a criança deve se sentir bem, acolhida, respeitada, que sinta alegria ao estar lá e respeito ao ambiente. Cabe aos professores transformar esse ambiente e trazer as crianças para perto, influenciá-las positivamente a fim de mudar esse conceito, o que trará reflexos futuros positivos.

CONCLUSÃO

A partir de todos argumentos, explicações e dados apresentados neste artigo, conclui-se que é muito importante que todos envolvidos na educação de uma criança entendam o quanto o afeto, atenção, carinho podem mudar no entendimento e desenvolvimento de um cidadão que tenha atitudes positivas para consigo mesmo e com os que os cercam.

Entendemos também que o profissional de educação deve ser alguém que não só goste de criança e tenha apreço por ensinar, mas também alguém que acompanhe todo o processo evolutivo da sociedade como um todo e saiba como refletir e filtrar isso para alguém que está iniciando a vida. Tem de ser alguém com percepção e sensibilidade o suficiente para identificar e amparar uma criança que precisa de uma ajuda externa, que os pais não identificam ou muitas vezes não priorizam identificar. Portanto, o pedagogo é muito mais do que só um cientista do saber. É uma peça chave no desenvolvimento de uma sociedade.

Portanto, a sintonia entre escola, família, comunidade e criança deve existir para que o aprendizado seja cada vez mais puro e coerente.

REFERÊNCIAS

https://novaescola.org.br/conteudo/8750/o-mestre-e-os-mestres

https://www.infoescola.com/educacao/lei-de-diretrizes-e-bases-da-educacao/

https://www.mobiletime.com.br/noticias/22/10/2019/aumenta-a-proporcao-de-criancas-de-4-a-6-anos-com-smartphone-proprio-no-brasil/

A ARTE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

AWDREY TAÍS WINGETER BORELLI

RESUMO

Este trabalho buscou na literatura identificar qual a importância da contação de histórias na Educação Infantil, e na formação das crianças, sabendo que tão prazeroso, quanto essencial é a contribuição cultural para o desenvolvimento da criança que tem contato com as histórias infantis ainda quando pequenas, pois quando damos ênfase a todo o processo de contação de histórias , desde a escolha do livro, até o ambiente pro-

pício; levando em consideração a faixa etária da criança e relatando a importância do contato com os livros. Mostrando como as histórias encantam as crianças e ao mesmo tempo as ajudam a entender melhor o mundo a sua volta e a resolver os seus problemas, contribuindo para a formação de sua personalidade, e para seu desenvolvimento cognitivo, sem contar que provavelmente a criança que ouve historinhas se tornará um exímio leitor e possivelmente será um adulto bem resolvido, consciente, formador de opiniões, ou até mesmo dotado de dons artísticos, pois sabe-se que um bom leitor tem uma boa e fascinante imaginação, além de promover sua capacidade de discernimento, suas habilidades, com certeza a criança que ouve histórias é muito mais feliz e está preparada para seus futuros desafios na vida adulta. Uma boa história leva a criança para um universo paralelo, e lá a criança se descobre, inventa, reconta, vive o personagem e volta mais criança e mais realizada.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil; Contação de Histórias; Formação das Crianças; Educação Infantil.

1 **INTRODUÇÃO**

Quando analisamos o comportamento de uma criança brincando, percebemos que elas adoram brincar de faz de conta, usando sua imaginação, por isso é de suma importância alimentarmos essas práticas tão inocente, que flui naturalmente de dentro de um ser tão pequeno e tão cheio de imaginação. E tão importante quanto brincar, é ouvir histórias, pois as crianças precisam tecer seus conhecimentos através do lúdico.

As histórias infantis escolhidas dentro de um tema, de acordo com a faixa etária e o interesse do grupo, as histórias se destacam pelo seu aspecto lúdico e a essência do trabalho. A diversão é uma característica forte, permeia todas as ações. Divertindo, a contação de histórias desperta o interesse pela leitura e estimula a imaginação através da construção de imagens interiores. A maneira de contar uma história varia de acordo com o perfil de quem a escuta. O grupo deve se adequar aos espectadores, variando a forma das apresentações. A professora de Educação Infantil deve contar histórias diariamente. Estas podem ser conhecidas ou novas, dependendo do interesse da turma, sendo que o número de repetições é ilimitado. A professora poderá contar a história dentro da sala, no pátio, com as crianças sentadas nos degraus de uma escada, no jardim etc. Quanto à arrumação, as crianças deverão ficar de frente para a professora de modo que todas vejam perfeitamente o livro, a professora dramatizando a história ou o material que está sendo usado.

Motivação - A criança não deve perceber que a professora deseja contar uma determinada história. Cabe a esta, pondo em jogo toda a sua habilidade, levar o interesse do grupo a um ponto tal que a história venha a ser solicitada por ele. Apresentação da História - A professora precisa conhecer bem o texto da história porque ela não deve ler, mas sim, contar; e contar com linguagem simples, ao alcance do grupo que a ouve. A história deve ser contada com o auxílio do material (livro, desenhos no quadro negro, fantoches, gravuras, figuras dos personagens recortadas em cartolina, teatros de sombra e de vara etc.) porque a criança precisa de algo concreto para poder seguir a sequência do que lhe está sendo contado. Durante a história a professora pode, de vez em quando, so-

licitar a cooperação da criança - Este artifício poderá também ser usado quando a professora perceber que houve um momentâneo desinteresse das crianças.

Comentário - Embora a história, para a criança, seja sempre apenas recreativa, a professora não deve deixar escapar esta esplêndida oportunidade de aumentar os conhecimentos do grupo por meio de comentários sobre ela. Para isso, a professora, ao escolher a história, deve prever o que de interessante e útil poderá conversar com as crianças. Quando contamos histórias infantis para as crianças, percebemos um grande envolvimento delas nas histórias, despertando nelas muito interesse pelas figuras e pelos conteúdos escritos no livro. Por isso é importante, que sempre após contarmos as histórias, deixá-las folhear o livro, para que as crianças se familiarizem com os livros, e recontem as histórias. As vivências com a literatura infantil envolvem diversos temas (afeto, medo, autonomia, ajuda mútua) e representam contribuição para o desenvolvimento cognitivo, linguístico e afetivo das crianças. Ao contarmos histórias infantis para os nossos alunos, estamos entrando no mundo deles, isso na educação infantil é fundamental, fazendo com que eles se interessem por determinado assunto, trabalhando com o lúdico e fantasia, com o compromisso de educar para o mundo, fazendo com que essas crianças vivenciem cada história, cada conto de fadas, isso é enriquecer o mundo delas, esse é o papel do professor mediador de conhecimentos.

2- ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O trabalho com as Artes na educação infantil requer profunda atenção no que se refere ao respeito das peculiaridades e esquemas de conhecimento próprios à cada faixa etária e nível de desenvolvimento. Isso significa que o pensamento, a sensibilidade, a imaginação, a percepção, a intuição e a cognição da criança devem ser trabalhadas de forma integrada, visando a favorecer o desenvolvimento das capacidades criativas das crianças.

No processo de aprendizagem em Artes a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e/ou externa. O percurso individual da criança pode ser significativamente enriquecido pela ação educativa intencional; porém, a criação artística é um ato exclusivo da criança. É no fazer artístico e no contato com os objetos de arte que parte significativa do conhecimento em Artes acontece. No decorrer desse processo, o prazer e o domínio do gesto e da visualidade evoluem para o prazer e o domínio do próprio fazer artístico, da simbolização e da leitura de imagens. O ponto de partida para o desenvolvimento estético e artístico é o ato simbólico que permite reconhecer que os objetos persistem, independentes de sua presença física e imediata. Operar no mundo dos símbolos é perceber e interpretar elementos que se referem a alguma coisa que está fora dos próprios objetos. Os símbolos reapresentam o mundo a partir das relações que a criança estabelece consigo mesma, com as outras pessoas, com a imaginação e com a cultura. Ao final do seu primeiro ano de vida, a criança já é capaz de, ocasionalmente, manter ritmos regulares e produzir seus primeiros traços gráficos, considerados muito mais como movimentos do que como representações. É a conhecida fase dos rabiscos, das garatujas.

A repetida exploração e experimentação do movimento amplia o conhecimento de si próprio, do mundo e das ações gráficas. Muito antes de saber representar graficamente o mundo visual, a criança já o reconhece e identifica nele qualidades e funções. Mais tarde, quando controla o gesto e passa a coordená-lo com o olhar, começa a registrar formas gráficas e plásticas mais elaboradas.

A crença de que existem crianças que têm mais facilidade do que outras para a aprendizagem em Artes exprime apenas um dos lados de uma grande e controvertida discussão. Neste documento defende-se a ideia de que em toda criança sempre existe um potencial passível de desenvolvimento sobre o qual a educação pode e deve atuar. A educação em Artes não visa a formar artistas, mas sim crianças sensíveis ao mundo e conhecedoras da linguagem da arte.

3.A ARTE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA FORMAÇÃO DA CRIANÇA

A contação de histórias é de suma importância para a formação das crianças, além de encantá-las, amplia o seu mundo e suscita a sua imaginação. A prática de contar histórias contribui para o desenvolvimento da função simbólica, onde a criança se coloca no lugar do objeto imaginado. Pode-se compreender assim que a criança necessita da magia e do lúdico para compreender o mundo que a cerca e ouvir histórias se torna um meio para ela entender o que se passa a sua volta, permitindo então, a construção do real. As histórias despertam a imaginação, trabalham a concentração, ensinam princípios, a distinção entre o bem e o mal e muitas situações subjetivas que poderão estar implícitas em situações futuras. A contação de histórias na Educação Infantil pode modificar a estrutura social do futuro e formar cidadãos com consciência social e moral capazes de melhorar o mundo conturbado e violento em que estamos inseridos. Quanto mais cedo histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores as chances de ela gostar de ler. Primeiro elas escutam histórias lidas pelos adultos, depois conhecem o livro como um objeto tátil “que ela toca, vê, e tenta compreender as imagens que enxerga”, diz Edmir Perrotti, professor de Biblioteconomia da Universidade de São Paulo (USP) e consultor do MEC. “As crianças colocadas em condições favoráveis de leitura, adoram ler. Leitura é um desafio para os menores, vencer o código escrito é uma tarefa gigantesca” (MARICATO, 2005).

3.1 Afinal, o que é mesmo essa Literatura?

A pergunta aparentemente singela traz uma dúvida bastante antiga de filósofos, estetas, críticos e historiadores. É por essa razão que qualquer tentativa de a responder, de forma genérica, poderia nos fazer cair em erro, pois quando se fala em Literatura, ainda não há um consenso, portanto, mesmo os estudiosos preferem dizer somente sobre o seu conceito, evitando, assim, a armadilha de sua possível definição. Vejamos:

Desde a Antiguidade Clássica, já se perguntavam: o que é literatura? Esse vocábulo é originário do termo, em latim, littera que significa: “arte de escrever” e era utilizado para designar o ensino das primeiras letras. Ao escrever a Poética, Aristóteles diz: “a arte literária é mimese da realidade”. Posteriormente, este conceito foi revisto por Alfonso Reyes que defende mimese ser uma “imi-

tação de presença subjetiva, correspondente à coerência ou semelhança entre a casa que o arquiteto constrói e a que vislumbra em sua mente". Desta forma, mimese não seria uma cópia, mas recriação em que o poeta (re-) cria, com seus próprios meios

– a sua linguagem – um mundo à imagem e semelhança do mundo real, porém que só existe na experiência verbal.

É importante lembrar que o conceito aristotélico se refere apenas à poesia, uma vez que a prosa literária como conhecemos, hoje, (conto, romance, novela e crônica) ainda não era cultivada.

A partir do século XX, se irradiou a importância da ficção como característica da Literatura por meio dos estudos de I. A. Richards, R. Ingarden, Günther Müller,

W. Kayser, R. Wellek e Manfred Kridl. As origens desse conceito de Literatura como ficção remontam a Lessing e Goethe. Por isso, podemos dizer que Literatura é ficção se entendermos esses conteúdos como compostos das "imagens" deformadas e transfundidas do mundo real. Desta maneira, se admite a equivalência entre imaginação e ficção.

A arte literária se define, portanto, como expressão dos conteúdos da imaginação, conforme um duplo movimento de representação em que essas imagens ora seriam representações objetivas, ora representações sensíveis da realidade expressas, muitas vezes, por meio de metáforas.

3.2 O ato de ler e as dimensões da leitura

Nós sabemos que a leitura não se limita a uma simples decodificação de códigos e linguagens, ela vai além, pois o leitor precisa interagir com o que lê, atribuindo sentido às coisas. Dessa maneira, a leitura é um ato abrangente que articula as várias dimensões do ser humano: imaginativa, sensorial, afetiva, intuitiva, inteligível, cultural, lógica etc. Essas dimensões articuladas com o desenvolvimento cognitivo do pensamento, a partir do ato de ler, faz descortinar um novo horizonte na vida do indivíduo que, através do texto, se transforma em leitor(a) e amplia sua compreensão de mundo. Assim, a leitura promove também o desenvolvimento intelectual, podendo ressignificar a vida pessoal do sujeito, possibilitando a abertura de novos caminhos e perspectivas, resultado das dimensões proporcionadas pelo verdadeiro papel da leitura e dos profissionais nela inseridos.

Para Magda Soares, "o ato de ler tem sido ao longo da história uma prerrogativa das camadas dominadoras; sua assimilação pela camada de base popular denota a vitória de um elemento indispensável não somente à preparação cultural, como ainda à modificação de suas categorias sociais". (2004, p.48) E isso ocorre porque, historicamente, os livros são usados como ferramentas contra a alienação cultural, política e social. Outrora, também já foram queimados, em razão do caráter insubmisso de seus conteúdos para as estruturas ditatoriais vigentes que, um dia, já consideraram obras como, por exemplo, Gabriela, Cravo e Canela, de Jorge Amado, subversiva.

Percebemos, com isso, que a prática da leitura sofre modificações de acordo com as transformações da sociedade. A humanidade cresce, expande seus horizontes e os livros impulsionam esse avanço a depender da sua proposta educativa.

Conforme Paviani, "ler é uma com-

petência óbvia e necessária para qualquer profissional, e a arte de ler demanda reflexão e uma certa dose de solidão, a fim de percorrer os segredos de um texto, que é capaz de oferecer o prazer de descobrir o ser das coisas ou as artimanhas da razão". (2003, p. 113) Ele acrescenta ainda que os leitores de literatura são aqueles que sabem buscar a plenitude dos saberes, o conhecimento que ultrapassa as definições e as classificações da ciência e os minguados dados de uma informação objetiva. De fato, quem lê cria a possibilidade de efetivar o ato de conhecer e, portanto, além de aprender, adquire consciência de que está aprendendo. Em outras palavras, para Paviani, a pessoa que adquiriu a competência da leitura tende a se tornar autônoma em seu pensamento e, assim, não depende das opiniões dos outros para formular suas próprias ideias.

A mediação da leitura literária se refere a diferentes práticas de aproximação entre leitores e textos literários. Nas últimas décadas, ações e políticas públicas têm buscado garantir a constituição de acervos literários em bibliotecas, escolas e demais espaços públicos, a exemplo do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) ou, ainda, do exitoso Programa de Alfabetização na Idade Certa (PAIC). No entanto, diferentes estudiosos têm apontado que a constituição de acervos bibliográficos não basta para a efetiva formação de leitores. Quando dedicamos atenção aos contextos escolares, por exemplo, verificamos que, muitas vezes, como observa Magda Soares, desenvolve- -se uma "escolarização inadequada" da literatura, quando a mediação não é feita com propriedade. Com essa inadequação, a escola acaba por distorcer a literatura e distanciar os alunos das práticas de leitura literária. Observamos isso quando professores utilizam o texto literário apenas para o ensino da gramática normativa ou em contextos transdisciplinares, de forma isolada. Por exemplo, utilizar o Iracema, de José de Alencar, nas aulas de Geografia e História para tratar, somente, da paisagem e/ou da sociedade cearenses.

Não quero, com isso, dizer que estas práticas escolares devem ser evitadas, pelo contrário, devem e merecem ser desenvolvidas, mas não de formas isoladas sem envolver experiências que contribuam para o encontro entre os leitores e a arte literária. Esse encontro se dá com a linguagem, as nuances da narrativa e com o estilo do autor.

E se pensarmos o papel dos professores nesse processo como nossos primeiros mediadores de leitura, percebemos a importância dessa ação desempenhada por cada um deles na construção de uma sociedade menos alienada e passiva diante de seus opressores. Mas, para que isso aconteça, é fundamental que esses docentes também sejam leitores e não permaneçam distantes das experiências literárias. Afinal, aquele que desempenha a importante tarefa de mediação da leitura literária, sendo professor, bibliotecário, educador social, agente voluntário, entre outros, se coloca no entre lugar de aproximação do leitor e do livro e precisa dialogar intimamente com o texto literário seja na escola, na biblioteca, no clube de leitura, na associação, no grêmio estudantil, na igreja ou até mesmo em sindicatos.

Através da leitura literária, o ato de ler tem dimensões e possibilidades muito mais profundas. Pois, se a leitura visa criar a consciência da realidade humana por meio da compreensão, interpretação e transformação do mundo, então, a leitura literária pode ser usada pelos mediadores de leitura como um instrumento de imaginação, afetividade e ra-

ciocínio para a formação crítica do indivíduo.

mento da rotina de leitura. Ser um bom ouvinte. As funções de um mediador: aproximar: proporcionar o acesso do leitor à leitura. Seduzir: instigar o desejo pelo objeto da leitura. Orientar: facilitar o processo de apropriação da leitura. Compartilhar: significados, referências, contextos, ampliando saberes, renovando ideias, inspirando.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo contribuiu muito para enriquecer o meu conhecimento, como educadora, sobre como trabalhar contando histórias para os alunos da Educação Infantil. Os autores consultados revelaram a importância da contação de histórias na formação da criança, porque ao ouvir a história identifica acontecimentos de sua vida e com isso, inconscientemente, passa a ser capaz de resolver seus conflitos, superando o medo e ajudando-a enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta e assim, aos poucos, poder alcançar o equilíbrio adulto. Enquanto diverte a criança, as histórias ajudam a conhecer a si mesmas, favorecendo o desenvolvimento de sua personalidade.

A Contação é, pois, um gênero oral muito importante para o desenvolvimento infantil e a leitura associada às imagens também, no que concerne à leitura de mundo, à construção de conhecimentos prévios e ao estímulo para futuramente tornar a criança em leitores apaixonados. Há uma maneira de ler e desenvolver o comportamento leitor em diferentes estágios e com diferentes estratégias. Deixar a criança manusear o livro após a contação de histórias é muito significante, pois a criança percebe que aquela história saiu de dentro de determinado livro, despertando assim, uma curiosidade e um fascínio pelo objeto que elas têm nas mãos. Desse modo, a criança fará associações relacionadas à contação e ao que estão vendo no livro, assim a criança faz um reconto da história lida, isso faz com que a criança desperte sua imaginação, e aprimore seu vocabulário, sua concentração, desenvolvendo seu gosto pela leitura. A proposta desse trabalho enfatiza a contação de histórias infantis, para despertar na criança a apreciação de ler, quando contamos uma história, queremos a atenção das crianças, logo para isso são necessárias algumas estratégias, como por exemplo, um ambiente propício, como já foi dito, nesse trabalho.

A organização do espaço faz parte do planejamento da professora, que vai contar a história, esta deve procurar variar o lugar, não precisa ser sempre dentro da sala de aula, pode ser na sala de leitura, no ambiente externo, isso faz com que a criança se familiarize ainda mais com a prática de contação de histórias, que perde a rigidez, e passa a ser livre e espontânea, como deve ser. Observamos também ao longo dessa pesquisa, que a apresentação da história a ser lida, também é fundamental. Apresentar a história e seu enredo faz parte das estratégias para o desenvolvimento da compreensão da mesma pela criança, e é de fundamental importância, já que ativa os conhecimentos prévios das crianças e permite a antecipação do que vai ser lido. Estratégias essa que todo professor contador de histórias infantis deve saber e usar. Por tanto esse trabalho nos mostra definitivamente a importância da contação de histórias, como o próprio título já diz.